

Do Balbucio a Babel

Paulo Vidal

Quem deseja se aventurar pelo que J.-A. Miller intitulou "ultimíssimo ensino de Lacan", o qual desloca noções que mal tínhamos assimilado para inventar outras, igualmente surpreendentes - inconsciente real, *lalíngua* aluvião de gozo, há d'Um etc. - certamente encontrará *food for thought* abrindo *Ecolalias, Sobre o Esquecimento das Línguas*¹ do filósofo e professor de literatura americano Daniel Heller-Roazen. O título é programático, o autor faz da ecolalia, termo que designa a repetição automática por um sujeito das palavras proferidas por outro, um fenômeno inerente à linguagem: toda língua guarda em si o eco de palavras provenientes de outra, outras línguas, por certo geralmente esquecidas, mas que não cessam de ressurgir.

Toda língua é, portanto, translinguística, fraturada como se acha na sua impossível identidade pelos ecos de uma alteridade que a destotaliza e estratifica num sem número de camadas sempre em movimento. Em 21 eruditos ensaios que abordam do balbucio infantil ao episódio bíblico da torre de Babel, o autor explora autores como Dante, poetas clássicos árabes, Freud, Kafka e outros, para nos mostrar que memória é esquecimento, esquecimento é memória.

Nos dois primeiros capítulos, 'O ápice do balbucio' e 'Exclamações', o autor retoma as pesquisas sobre a linguagem infantil realizadas pelo grande linguista Roman Jakobson, amigo de quem Lacan acompanhou as formulações. Segundo Jakobson, o *infans*, aquele que ainda não fala, no estágio em que apenas balbucia, possui capacidades articulatórias ilimitadas, com as quais nem o mais talentoso poliglota rivaliza. Com o mínimo de esforço, uma

criança muito pequena pode produzir todo e qualquer som contido na linguagem humana.

Seria de esperar, portanto, que, para um ser dotado de tamanha habilidade para a fala, fosse fácil e rápida a aquisição de uma língua. Contudo, o que mais impactou Jakobson é que, entre a lalação e as primeiras palavras, há uma descontinuidade, uma interrupção decisiva. Quando começa a pronunciar as primeiras palavras, o bebê "não apenas perde a capacidade de produzir sons que excediam seu sistema fonético particular. Muito mais espantoso [...] é que muitos dos sons comuns ao seu balbucio e à língua do adulto também desaparecem do repertório de fala da criança"².

Falar depende, portanto, de esquecer. Guardará contudo a linguagem do adulto algo dessa infinita variedade da lalação da qual provem? No capítulo seguinte, 'Exclamações', o autor retoma a fina observação do fundador da fonologia moderna, N. Trubetzkoy: ao pronunciarmos onomatopéias, interjeições e exclamações, fazemos uso de "elementos fonológicos distintivos anômalos", de fonemas que pertencem e não pertencem ao estoque de sons da língua empregada. Ao exclamarmos, pronunciamos elementos êxtimos à língua, abrimos a língua para a não língua que a precede, de tal forma que nela ecoa, ressoa algo que nunca se esquece ou se lembra de todo. Uma língua na qual fosse impossível exclamar, fazer apelo ao Outro, não seria uma língua.

Já o terceiro capítulo se intitula 'Aleph', nome de uma letra do alfabeto hebraico impronunciável não porque inscreva algum som particularmente complicado, mas simplesmente porque não representa som algum. A propósito do aleph, uma estória da Cabala sobre o papel das letras do alfabeto na criação narra que, quando deus decidiu criar o mundo, todas as letras se apresentaram diante dele, cada uma apresentando suas capacidades, exceto aleph, letra

muito acanhada e modesta. Por isto, deus informou aleph que, embora fosse iniciar a criação com a letra beth - a primeira palavra da bíblia é *Bereshit* -, ele, aleph, seria a primeira letra do alfabeto. Ainda segundo a palavra divina, haveria unidade apenas em aleph, letra que estaria presente em todos os cálculos e construções. Princípio de toda construção linguística, aleph é um, embora seja uma letra que não se pronuncia. Nas palavras de Heller-Roazen, aleph, "a letra muda marca o esquecimento a partir do qual toda linguagem emerge"³.

O último capítulo, 'Babel', retoma a lenda narrada no *Gênesis*, segundo a qual os habitantes do vale de Sinar, desejosos de criar unidade e não se dispersarem, teriam resolvido erigir uma torre que atingisse o céu. Deus resolveu então dar cabo da construção confundindo a língua dos homens e dispersando-os, realizando assim aquilo de que os homens procuravam fugir: a dispersão.

Em outras palavras, nunca deixamos ou deixaremos de habitar Babel, o espaço *nãotodo* e em movimento das línguas, nelas mesmas inconsistentes e múltiplas, sempre em tradução interna e externa, embora continuemos a sonhar com uma linguagem unívoca, que elimine a equivocidade.

¹ HELLER-ROAZEN, D. (2010). *Ecolalias sobre O esquecimento das línguas*. São Paulo: Editora Unicamp.

² Idem. Ibid, p. 8.

³ Idem. Ibid, p. 22.